



Octubre 2018 - ISSN: 1988-7833

PAISAGEM SOCIALIZADA: BASES TEÓRICAS E EXPERIÊNCIAS EMPÍRICAS

Patrícia Costa Pellizzaro¹

Letícia Peret Antunes Hardt²

Carlos Hardt³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Patrícia Costa Pellizzaro, Letícia Peret Antunes Hardt y Carlos Hardt (2018): "Paisagem socializada: bases teóricas e experiências empíricas", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (octubre 2018). En línea:
<https://www.eumed.net/rev/cccscs/2018/10/paisagem-socializada.html>

RESUMO

Frente à realidade de consumo – e, por vezes, tráfico – de substâncias psicoativas no interior de espaços livres públicos de cidades brasileiras, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar bases teóricas e experiências empíricas contemporâneas dessa problemática, voltadas a grupos expostos a riscos sociais em espaços esquecidos pelo processo de urbanização. Os procedimentos investigativos adotados são pautados em três recortes básicos: temático, centrado em praças, parques e drogas; metodológico – voltado à análise bibliométrica desses temas em dois sítios eletrônicos especializados em buscas de termos em trabalhos científicos; e temporal, delimitado pela última década (2008-2017). Os resultados analíticos indicam prevalência de artigos referentes a parques em detrimento de praças, não obstante o reduzido percentual de textos de alto grau de aderência ao contexto de interpretação. Esta situação conduz à conclusão da significativa insuficiência de estudos sobre o assunto no país.

Palavras-chave: paisagem urbana, espaços públicos, parques, praças, drogas, vulnerabilidade socioambiental, resgate social

ABSTRACT

Faced with the reality of consumption - and sometimes trafficking - of psychoactive substances within public spaces in Brazilian cities, the general objective of the research is to analyze theoretical bases and contemporary empirical experiences of this problem, aimed at groups exposed to social risks in forgotten spaces by the urbanization process. The investigative procedures adopted are based on three basic focus: thematic, centered on squares, parks and drugs; methodological - oriented to the bibliometric analysis of these subjects in two electronic sites specialized in term searches in scientific

¹ Pesquisadora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil, e Professora Titular do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, Santa Catarina, Brasil; patricia.pellizzaro@gmail.com

² Pesquisadora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU) e Professora Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil; l.hardt@pucpr.br

³ Pesquisador Dr. do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU) e Professor Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil; c.hardt@pucpr.br

works; and temporal, delimited by the last decade (2008-2017). The analytical results indicate the prevalence of articles related to parks in detriment of squares, despite the low percentage of texts with high degree of adherence to the interpretation context. This situation leads to the conclusion of the significant insufficiency of studies on the subject in the country.

Keywords: *urban landscape, public spaces, parks, squares, drugs, social and environmental vulnerability, social rescue*

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem foco em problemas comuns a cenários de cidades brasileiras, em especial de seus espaços abertos, muitas vezes desfuncionalizados de suas finalidades originais, onde é comum o consumo de substâncias psicoativas em seu interior (Lima, 2015; Nogueira, 2016; Sehli, 2015; Souza, 2017). Portanto, há necessidade, por um lado, de minimização desse estado de fragilidade socioespacial e, por outro, de salvaguarda de grupos de risco (Hardt; Hardt, 2015).

Os pressupostos anteriores possibilitam a definição de recortes adotados para o estudo. O primeiro – temático – é conformado por questões relativas tanto à paisagem urbana e seus espaços livres públicos, com foco em **praças e parques**, e à vulnerabilidade socioambiental e ao resgate social, com prioridade às consequências do contato com **drogas**. O segundo – metodológico – é voltado à análise bibliométrica dos temas em destaque, com vistas à configuração do estado da arte referente à problemática delineada

Por outro lado, o terceiro recorte – temporal – é delimitado pela última década (2008-2017), com vistas ao alcance do objetivo geral do trabalho, qual seja, analisar bases teóricas e experiências empíricas contemporâneas dessa problemática, voltadas a grupos expostos a riscos sociais em espaços esquecidos pelo processo de urbanização.

BASES TEÓRICAS

Esses fundamentos são pautados em conceitos e teorias sobre os temas antes mencionados. Em primeiro lugar, cabe mencionar que a conceituação de paisagem é polissêmica, com interpretações diferenciadas segundo diversos campos do conhecimento (Vitte, 2007). Todavia, suas origens semânticas estão normalmente associadas ao processo social de ocupação do território (Macedo, 1999).

Como resultado da visualização dos espaços da cidade, a paisagem urbana é formada pela sobreposição de vários tempos vivenciados pelas sociedades que a habitaram (Hardt, 2004). Em termos gerais, é um conjunto de componentes naturais e antrópicos, que, em suas interações, produzem imagens percebidas pelos sentidos do homem e processadas pelas suas faculdades mentais (Hardt, 2000).

Esse complexo espacial também é formado por fixos (espaços físicos) e fluxos (elementos abstratos) (Santos, 2008). Dentre aqueles, tem-se os chamados “livres”, ou seja, abertos, não edificadas e normalmente representados por eixos viários e logradouros públicos (Kliass; Magnoli, 2006). “Como espaços residuais, as áreas livres são alvo do abandono, sem identidade e sem apropriação pela sociedade, “sem sistema simbólico preciso, em geral sem qualquer nome” (Lima, 2005:5).

Principalmente nas grandes cidades, os espaços livres públicos são notadamente representados por **praças e parques**. De maiores proporções, os primeiros possuem, comumente, expressiva cobertura vegetal e são, genericamente, destinados à proteção do ambiente e ao lazer dos cidadãos (Kliass, 1993). As segundas, por sua vez, têm tamanhos menores e funções muito diversificadas, desde a recreação cotidiana até a simples contemplação.

As praças e áreas livres de lazer possuem funções, em princípio, atreladas aos conceitos de lazer, mas por se inserirem no contexto urbano como ambiente construído, passam a incorporar outros significados como elementos de ligação entre setores da cidade, referenciais de localização ou histórico-culturais, impacto visual, saneamento, conforto ambiental etc. (Cunha; Orth, 2000:475).

Sem necessariamente abrigarem vegetação (e.g.: praças secas), estabelecem estreitas relações do vazio (local de permanência) com as edificações do seu entorno (Lamas, 2014). Em algumas situações, as dimensões não são suficientes para o enquadramento dessas tipologias

espaciais, ocorrendo parques pequenos (e.g.: *pocket parks*) e praças grandes (como aquelas de vastas configurações lineares).

O sistema dos espaços livres urbanos constitui um complexo em inter-relação com outros sistemas – de drenagem, de transportes, de proteção – cujas funções podem com as dele coincidir ou apenas justapor-se, tecendo relações de conectividade e complementaridade com a preservação, a conservação e a requalificação ambientais, a circulação e a drenagem urbanas, as atividades de lazer, o imaginário, a memória e o convívio social públicos (Leite, 2011:159).

“O uso ou não uso dos espaços públicos estão condicionados às suas funções, sejam as propostas nos projetos originais ou aquelas vinculadas às reais ou às novas necessidades dos cidadãos” (Cunha; Orth, 2000:475). Queiroga (2011) comenta que esses locais estão em permanente transformação para sua adequação a outras demandas e pressões da sociedade.

Por sua vez, Gomes e Chiesa (2006:150) esclarecem a existência de “normas, atritos e restrições ao uso dos espaços, de acordo com a presença de grupos sociais, dos usos consentidos e das formas de apropriação de tais locais”. Tanto o parque quanto a praça podem servir de suporte a medidas de prevenção de riscos – equivalente à percepção do perigo (Beck, 2009[1986]; Veyret, 2013) –, os quais são caracterizados por ameaças com origens naturais ou com causas antrópicas (Dagnino e Carpi Junior, 2007).

Outras crises relacionadas a parques e praças são referentes à sua apropriação para o consumo – e, por vezes, tráfico – de drogas (Sehli, 2015). Essas substâncias psicoativas, não produzidas pelo organismo humano e que podem provocar alterações significativas no corpo humano, são definidas como “produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União” (Brasil, 2006, Artigo 1º, Parágrafo Único). De forma geral, são classificadas em lícitas e ilícitas. No primeiro caso, sua utilização é legalizada em território brasileiro (e.g.: álcool, tabaco e psicofármacos). As segundas têm seu uso e comercialização restritos por lei (Nicastri, 2000).

Veyret e Richemond (2013) citam que é relativamente recente o estabelecimento de relações entre riscos e substâncias psicoativas, sob três aspectos básicos: comportamentais, sanitários e sociais. Nesse contexto, a vulnerabilidade corresponde à expressão da magnitude – potencial ou real – das interferências danosas sobre alvos afetados, com sua intensidade variável de acordo com as desigualdades da sociedade produtoras de ameaças (Vieillard-Baron, 2013). Nessa direção, Barcellos e Oliveira (2010) afirmam a indissociabilidade das suas dimensões sociais e ambientais.

Para Lopes (2006:18), “o princípio que ordenaria as implicações recíprocas entre indivíduo e sociedade é o resgate de uma solidariedade de base orgânica-cívica, na conformação do corpo social”. Desenvolvidas com base nessas concepções teórico-conceituais, adiante são detalhados os métodos e técnicas de desenvolvimento da investigação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi elaborado a partir de levantamento quantitativo de pesquisas desenvolvidas pela comunidade científica acerca da temática, publicadas em periódicos e eventos, com vistas ao mapeamento de autores e instituições atuantes na área da temática, dentro do recorte temporal definido (última década). Para tanto, foram realizadas buscas dos termos de interesse – praça(s), parque(s), droga(s), entorpecente(s) e narcótico(s), além de seus similares – por pares, nas seguintes plataformas de pesquisa:

- a) Google Scholar (GS – ou Google Acadêmico) – “fonte de pesquisa e referência construída pelos próprios pesquisadores”, que facilita a busca de trabalhos “em uma base de dados ampla e confiável” (BC-UFRGS, 2017:s.p.);
- b) Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PC) – “biblioteca virtual que reúne e disponibiliza [desde 2000] a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional” (CAPES, 2018:s.p.); neste caso, foram considerados apenas os artigos de periódicos avaliados por pares.

Note-se que as palavras-chave foram redigidas apenas em português para a maior aproximação possível à situação brasileira. No caso do Google Scholar, pretendeu-se interpretar o alcance da temática, que extrapola a própria realidade do Brasil. Contudo, com o levantamento junto à CAPES, procurou-se restringir a análise a documentos de reconhecida qualidade.

Durante a consulta aos sítios eletrônicos, houve o salvamento dos arquivos dos artigos que continham as palavras-chave escolhidas em qualquer parte do texto, com respectiva tabulação dos

resultados. Na sequência, foram lidos os seus resumos visando à classificação dos trabalhos segundo os seguintes graus de aderência com a problemática estudada na pesquisa:

- a) alto – com efetiva ótica nos problemas levantados nesta investigação;
- b) médio – com abordagem não assertiva em relação à temática analisada;
- c) baixo ou insuficiente – com outros enfoques, sem relevante interesse ao presente estudo.

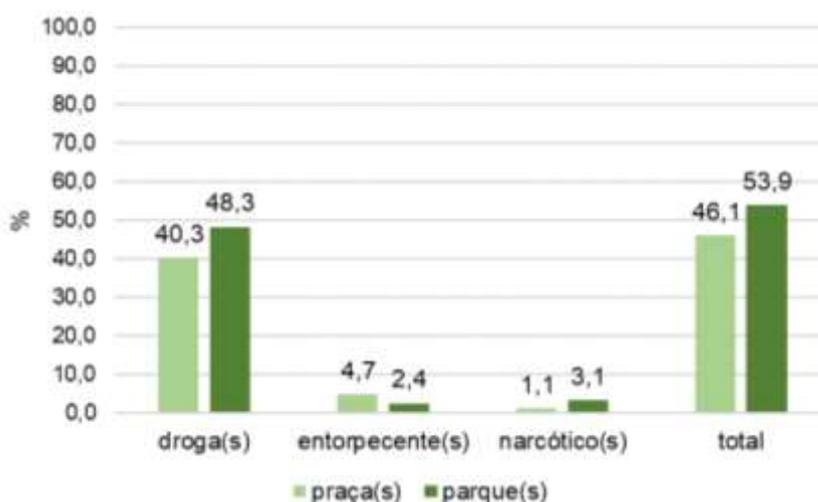
Finalmente, foram lidos na íntegra os estudos classificados com alta aderência, visando à identificação de modelos de referência empírica em diferentes situações geográficas e condições socioeconômicas, apresentados nos resultados adiante discutidos.

RESULTADOS ANALÍTICOS

Como esperado, a quantidade de textos encontrados no GS (33.743) é muito superior (85,4%) à do PC (288 artigos), em função tanto de limitações específicas deste portal em comparação com aquele buscador quanto da opção de escolha dos artigos publicados a partir da revisão por pares (*peer review*). Nassi-Calò (2015, s.p.) alerta que esse processo resulta na “avaliação de resultados de pesquisa ou propostas de projetos quanto à competência, significância e originalidade conduzida por especialistas qualificados que pesquisam e submetem para publicação trabalhos na mesma área”.

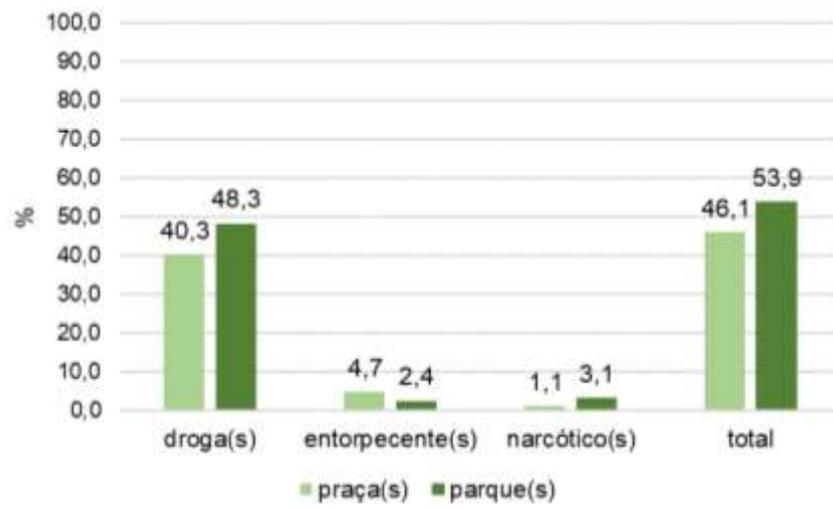
Pela análise das Figuras 1 e 2, constata-se maior vinculação do termo “drogas” (médias de 44,3% e 47,6% no GS e no PC, respectivamente) às tipologias de espaços livres públicos estudadas. Contudo, também se verifica o maior desequilíbrio entre esses tipos espaciais quando se trata de objetos de trabalhos de publicação mais rigorosa (PC), com prevalência de teores referentes a parques (72,2%, contra 27,8% para praças).

Figura 1: Gráfico de proporcionalidade de textos selecionados no Google Scholar (GS) no período de 2008 a 2017



Fonte: Elaborada com base em Google Scholar (2018) e CAPES (2018).

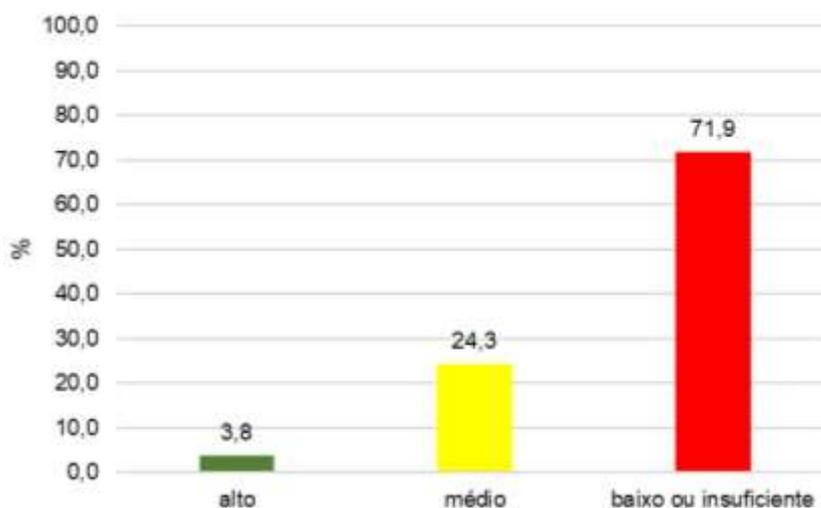
Figura 2: Gráfico de proporcionalidade de textos selecionados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – PC) no período de 2008 a 2017



Fonte: Elaborada com base em Google Scholar (2018) e CAPES (2018).

O enquadramento dos artigos do PC conforme os graus de aderência com a problemática da pesquisa (Figura 3) revela que a mesma ainda é insuficientemente estudada no país, restando apenas 3,8% na classe alta, ou seja, com significativo foco nos problemas tratados nesta investigação. Esse resultado é preocupante frente à situação diagnosticada no país, com perda de apropriação de espaços públicos por usuários diversificados diante da sua utilização para finalidades conflitantes, como no caso do consumo e tráfico de entorpecentes (Hardt; Hardt, 2015).

Figura 3: Gráfico de proporcionalidade de textos selecionados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – PC) no período de 2008 a 2017 segundo grau de aderência com a problemática da pesquisa



Fonte: Elaborada com base em CAPES (2018).

Dentre os artigos de maior interesse relacionados ao Brasil, vale citar o de Rodrigues, Conceição e Lunes (2015), que observam que as cenas de consumo e tráfico de entorpecentes nas cidades brasileiras ocorrem em áreas centrais, em bairros residenciais e nos próprios parques, aumentando a sensação de insegurança e ampliando a repressão aos usuários desses locais. Mesmo que alguns desses espaços tenham perdido suas funções centrais, Andres (2013) lembra que usos temporários permitem novas modelagens para a criação de lugares.

A Região Sul é a que apresenta maior quantidade de estudos de caso sobre os temas analisados. Bovo e Amorim (2011:13) diagnosticam parques urbanos de Maringá, Paraná, onde o consumo de entorpecentes desvalorizou os imóveis do entorno, “além de expor a população que ali reside em constante risco”. Por outro lado, Pickering, Kintrea e Bannister (2012) também citam que, em certas ocasiões, determinados atores nos espaços públicos são relegados a segundo plano frente às suas reduzidas importâncias na economia local.

Souza (2011) também constata essa situação para o Parque Cinturão Verde de Cianorte, Paraná, explicando que a relação entre os frequentadores e a área é conflituosa em função do desconhecimento da população sobre as reais finalidades dessas áreas de proteção ambiental. Sem dissociação das suas vertentes ambiental e social, Marandola Júnior e Hogan (2006:33) manifestam que:

a vulnerabilidade é um fenômeno expressivo da modernidade tardia, característica da forma de enfrentar o perigo nas diferentes escalas. Penetrando em todos os campos da vida social, risco e incerteza tornaram-se palavras-chave para compreender as dinâmicas espaço-temporais contemporâneas, demandando um olhar abrangente da vulnerabilidade em sua multidimensionalidade inerente. O diálogo interdisciplinar é o caminho para a reflexão sobre suas dimensões.

Problemas desse tipo levaram Reis et al. (2016) a avaliarem a possibilidade de cercamento do Parque Farroupilha em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, devido, entre outros fatores, à presença de tráfico e usuários de drogas. Concluindo pela opção de não cercar a área, os autores justificam que o fechamento “tenderia a ter um impacto negativo sobre as diversas atividades realizadas no parque assim como sobre a segurança em seu interior e em ruas adjacentes”, alegando a necessidade de acessibilidade e consequente apropriação, além da “existência de espaços com visibilidade, diversidade de atividades disponíveis em turnos variados, e diferentes opções de rotas com múltiplas

entradas e saídas” (Reis et al., 2016:70). Dias e Ferreira (2015) alegam que locais públicos compartilhados permitem, inclusive, a construção de cidadania contemporânea.

Por outro lado, Dorigo e Ferreira (2015) destacam a geração de ambientes de insegurança nas proximidades da Praça 29 de Março em Curitiba, Paraná, em função da insuficiência de policiamento e da presença de usuários de drogas e de desocupados, que também sujam o local. Em suas pesquisas, Melo, Barros e Almeida (2011) levantam que jovens apontam o uso de narcóticos como grande responsável pela violência e que maior contingente policial reforçaria o enfrentamento da questão.

Na Região Sudeste, mesmo com foco na polifonia de espaços abertos urbanos, o estudo de Garcia e Marra (2016) sobre duas praças em Belo Horizonte, Minas Gerais, aborda o imaginário de criminalidade, uso de drogas e prostituição associados coletivamente entre os habitantes da cidade. Gonzales e Guareschi (2008) citam pesquisas que tratam da vulnerabilidade, em especial da juventude, pela associação entre pobreza, violência, sexualidade e entorpecentes.

Por sua vez, Alves (2014:299), em análise sobre o *hip hop* em Campinas, São Paulo, afirma que esta cultura “propicia, principalmente, o resgate do espaço público (escasso nas áreas periféricas[...]). O autor também argumenta que se forma uma identidade, “com os grupos agindo de maneira conjunta de acordo com valores como a autoestima ou o não uso de drogas” (Alves, 2014:294-295).

Brown (2012) também aponta a relevância da relação entre jovens e o local, comentando que a falta de lugares destinados ao seu lazer contribui para o seu comportamento antissocial e para o seu sentimento de territorialismo, o qual, em muitos casos, culmina em atitudes violentas. Conforme Cara e Gauto (2007), a capacidade de resistência tanto à violência quanto ao envolvimento com substâncias psicotrópicas é diretamente dependente do suporte familiar e do apoio comunitário. De outra maneira, Oliva (2009) explicita que a desigualdade de renda, a conjuntura de risco e a vulnerabilidade social, atreladas à inexistência de políticas públicas voltadas a tais indivíduos, contribuem sobremaneira para a exclusão social, frequentemente relacionada a drogas.

Por meio de mapas do crime elaborados para um bairro de Vila Velha, Espírito Santo, Pessotti (2017) destaca o aumento da criminalidade envolvendo jovens que atuam no tráfico de drogas e propõe o estudo de uma praça com base em princípios do Crime Prevention through Environmental Design (Prevenção do Crime por meio do Desenho Ambiental – CPTED), com vistas a evitar isolamento, segregação socioterritorial e discriminações, muitas vezes incitadas pelos envolvidos com substâncias psicoativas. Mencionando a população infantil, Cruz (2011) afirma a sua necessidade de espaço para brincar e se desenvolver; quando essa situação inexistente, prevalece o sentimento de exclusão social e de não pertencimento à cidade.

Na Região Nordeste, contemplando formas de ocupação dos espaços urbanos para brincadeiras na cidade de Salvador, Bahia, Cotrim e Bichara (2013:389) citam que os locais para crianças foram “essencialmente modificados em função de graves fenômenos bastante conhecidos, quais sejam: a violência, a presença de estranhos, drogas, atividades ilícitas, tráfego de veículos, entre outros fatores que parecem ser ameaças universais no mundo moderno”. Para Barcellos e Oliveira (2010), a exposição da população a vulnerabilidades e riscos sociais está diretamente associada à pobreza e à desigualdade, suscitada, essencialmente, pela especulação imobiliária e pelo processo de ocupação irregular.

Para as regiões Centro-Oeste e Norte, não foram identificados trabalhos de alta aderência à temática. Todavia, Hardt e Hardt (2015) identificam os problemas aventados nesta pesquisa para todos os compartimentos geográficos do Brasil. Cotrim e Bichara (2013) expõem a falta de opções de lazer para crianças e jovens, por exemplo, em espaços menos favorecidos economicamente, restando-lhes locais mais vulneráveis, com provável exposição a drogas, por exemplo.

[...] é necessário empreender esforços interdisciplinares, isolados ou coletivos, para desvendar a complexidade dessas relações [entre questões sobre ambiente, pobreza, cultura, percepção ou economia, e os perigos e os contextos geográfico e social]. É preciso encontrar novas formas e orientações epistemológicas de estabelecer esses diálogos para caminhar em direção a uma conceituação mais robusta da vulnerabilidade e a formas mais efetivas de lidar com a insegurança e a incerteza em nossa sociedade (Marandola Júnior; Hagan, 2006:41).

Essa preocupação também é evidente em estudos realizados em outros países, como na África do Sul (Blerk, 2013) e na Indonésia (Beazley, 2002), onde questões sócio-políticas impelem pessoas em situação de rua à ocupação de áreas mais periféricas, ficando expostas à violência oriunda das drogas. Portanto, evidencia-se o claro inter-relacionamento entre os próprios temas selecionados e deles com outros que lhes são comumente intrínsecos.

CONCLUSÃO

A princípio, percebe-se a consciência generalizada sobre a importância da temática da paisagem socializada como locus de compartilhamento equânime de espaços públicos por usuários diversificados, expressa, direta ou indiretamente nas bases teóricas estudadas. Entretanto, diagnostica-se que as experiências empíricas, ainda em quantidade muito reduzida, não são suficientes para a concretização do mínimo entendimento de toda a complexidade dos problemas abordados.

Se, por um lado, os procedimentos metodológicos adotados possuem limitações inerentes aos próprios sítios eletrônicos de busca de trabalhos científicos, essas restrições não impedem a assertiva da significativa insuficiência de estudos sobre o assunto no país. Esse fato se torna flagrante diante do reduzido percentual de textos com alto grau de aderência ao contexto da pesquisa.

Resta, portanto, a proposição de recomendações para o desenvolvimento de estudos similares, de âmbitos teóricos e de contextos práticos, com vistas ao aprofundamento do campo de conhecimento acerca dos temas envolvidos. Paralelamente, devem ser aprimoradas as políticas públicas relacionadas às diversas áreas pertinentes, em uma perspectiva interdisciplinar e participativa.

REFERÊNCIAS

- Alves, Cristiano Nunes. (2014) Uso do território na Região Metropolitana de Campinas: o que se mostra no inventário da cultura *hip hop*. **RA'E GA**, Curitiba, PR, BR: Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, (31):280-310, ago.
- Andres, Lauren. (2013) *Differential spaces, power hierarchy and collaborative planning: a critique of the role of temporary uses in shaping and making places*. **Urban Studies**, Thousand Oaks, CA, US: SAGE Journals, 50(4):759-775, mar.
- Barcellos, Frederico Cavadas; Oliveira, Sonia Maria Moreira Carvalho de. (2010) Novas fontes de dados sobre risco ambiental e vulnerabilidade social. In: Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade – ANPPAS, VII, Florianópolis, SC, BR, 2010. **Anais...** Florianópolis, SC, BR: ANPPAS, 1-15.
- BC-UFRGS – Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (2017) **7 razões para você utilizar o Google Scholar como fonte para a sua pesquisa**. 2017. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/blogdabc/7-razoes-para-voce-utilizar-o-google-scholar-como-fonte-para-a-sua-pesquisa/>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- Beazley, Harriot.(2002) *Vagrants wearing make-up: negotiating spaces on the streets of Yogyakarta*, Indonesia. **Urban Studies**, Thousand Oaks, CA, US: SAGE Journals, 49(9):1665-1683, aug.
- Beck, Ulrich. (2009) **Risk Society: towards a new modernity**. Translation of SAGE. repr. London, EN, UK: SAGE. (Título original: *Risikogesellschaft: auf dem weg in eine andere moderne*. Frankfurt am Main, GE: Surbkamp Verlag, 1986)
- Blerk, Lorraine van. (2013) *New street geographies: the impact of urban governance on the mobilities of Cape Town's street youth*. **Urban Studies**, Thousand Oaks, CA, US: SAGE Journals, 50(3):556-573, feb.
- Bovo, Marcos Clair; Amorim, Margarete Cristiane de Costa Trindade. (2011) Análise e diagnóstico dos parques urbanos em Maringá (PR) Brasil. **Geo**, Rio de Janeiro, RJ, BR: Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 13, 22(2):323-349, 2.sem.
- Brasil. (2006) Lei Federal Nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, BR, 24 ago. 2006.
- Brown, Donna Marie. (2013) *Young people, anti-social behavior and public space: the role of community Wardens in Policing the 'ASBO generation'*. **Urban Studies**, Thousand Oaks, CA, US: SAGE Journals, 50(3):538-555, Feb.
- Cara, Daniel; Gauto, Maitê. (2007) Juventude: percepções e exposição à violência. In: Abramovay, Míriam; Andrade, Eliane Ribeiro; Esteves, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes: outros olhares**

- sobre a diversidade. Brasília, DF, BR: Edições Ministério da Educação – MEC; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, 171-196.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2018) **Portal de Periódicos**. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan./15 jun. 2018.
- Cotrim, Gabriela de Souza; Bichara, Ilka Dias. (2013) O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, RS, BR: Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 26(2):388-395.
- Cruz, Patrícia de Góes.(2011) Ambiente urbano: lugar de restrição espacial e descoberta de novos espaços. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, SP, BR: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – USP; Associação Paulista de Saúde Pública – APSP, 20(3):702-714, set.
- Cunha, Rita Dione Araújo; Orth, Dora Maria. (2000) Praças e áreas de lazer como ambiente construído influenciando na qualidade de vida urbana. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC 2000, Salvador, BA, BR, 2000. **Anais...** Salvador, BA, BR: Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ANTAC, 474-475.
- Dagnino, Ricardo de Sampaio; Carpi Junior, Salvador. (2007) Risco ambiental: conceitos e aplicações. **Climatologia e Estudos da Paisagem**, Rio Claro, SP, BR: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2(2):50-87, jul.-dez.
- Dias, Marina Simone; Ferreira, Bruna Ramos. (2015) Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, PE, BR: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR, 17(3):118-133, set./dez.
- Dorigo, Tania; Nascimento, Ana Paula. (2015). Contribuições da percepção ambiental de frequentadores sobre praças e parques no Brasil (2009-2013): revisão bibliográfica. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, SP, BR: Universidade Nove de Julho – UNINOVE, 4(3):31-45, set.-dez.
- Garcia, Luiz Henrique Assis; Marra, Pedro Silva. (2016) Praças polifônicas: o som e a música popular como tecnologias de comunicação no espaço urbano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, RS, BR: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, 23(1):1-24, jan.-abr.
- Gomes, Cláudio Menna Barreto; Chiesa, Paulo. (2006) Sistema de espaços livres em Curitiba: tradição, posturas e práticas locais. In: Kahtouni, Saide; Magnoli, Miranda Martinelli; Tominaga, Yassuko. (Org.) **Discutindo a paisagem**. São Carlos, SP, BR: RiMa, 141-170. (Coleção Paisagem Aberta)
- Gonzales, Zuleika Köhler; Guareschi, Neuza Maria de Fátima. (2008) Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. **Revista Latino-Americana de Ciências Sociais, Niñez y Juventude**, Manizales, CO: Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud de la alianza Universidad de Manizales y Cinde, 6(2):463-484, jul./dec.
- Google Scholar. (2018) **Busca Google Acadêmico**. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 15 jan./15 jun. 2018.
- Hardt, Letícia Peret Antunes. (2000) **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana: aplicação a Curitiba, Paraná**. 323f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, PR, BR.
- Hardt, Letícia Peret Antunes. (2004) Ecologia da paisagem: fundamentos à gestão do espaço urbano. **Olam Ciência e Tecnologia**, Rio Claro, SP, BR: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 4(1):597-612.
- Hardt, Letícia Peret Antunes; Hardt, Carlos. (2015) **Paisagem Socializada: grupos sociais resgatados em espaços esquecidos**. 2015. 537f. Relatório de pesquisa (Edital Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Ministério da Educação – MEC / Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Nº 18/2012 –Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, PR, BR.
- Kliass, Rosa Grena. (1993) **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo, SP, BR: Pini.
- Kliass, Rosa Grena. Magnoli, Miranda Martinelli. (2006) Áreas verdes de recreação. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, SP, BR: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP, (21):245-256.
- Lamas, José Manuel Ressano Garcia. (2014) **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 7.ed. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leite, Maria Ângela Faggin Pereira. (2011) Um sistema de espaços livres para São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP, BR: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – IEA-USP, 25(71):159-174, jan.-abr.

- Lima, Evelyn Furquim Werneck. (2005) A reconquista dos espaços públicos: um processo urbano e social. In: Seminário de Arquitetura Latinoamericano – SAL, XI, Oaxtepec Morelos, MX, 2005. **Anais...** Oaxtepec Morelos, MNO: Universidade Autônoma Metropolitana – UAM, 1-16.
- Lima, Willian Carlos Siqueira. (2015) **Paisagem Socializada**: relações entre qualidade de espaços livres públicos e sua apropriação por crianças e adolescentes em áreas periféricas da Grande Curitiba, Paraná. 215f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, PR, BR.
- Lopes, José Rogério. (2006) “**Exclusão social**” e **controle social**: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, SP, BR: Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, 18(2):13-24; maio/ago.
- Macedo, Sílvia Soares. (1999) **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo, SP, BR: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP.
- Marandola Júnior, Eduardo; Hogan, Daniel Joseph. (2006) As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, BR: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE, 20(1):33-43, jan./mar.
- Melo, Monica Cristina Batista de; Barros, Érika Neves de; Almeida, Andréa Maria Lages Gomes de. (2011) A representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, RJ, BR: Associação Brasileira de Saúde Coletiva – ABRASCO, 16(10):4211-4221.
- Nassi-Calò, Lilian. (2015) **Avaliação por pares: ruim com ela, pior sem ela**. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2015/04/17/avaliacao-por-pares-ruim-com-ela-pior-sem-ela/#.W0_cwNJKg2w>. Acesso em: 25 jan. 2018.
- Nicastri, Sérgio. (2000) **As drogas e seus efeitos**. Brasília, DF, BR: Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas da Universidade de Brasília – PRODEQUI/UnB.
- Nogueira, Leticia Barreto Maciel. (2016) **Paisagem Socializada**: relações analíticas entre espaços livres públicos e consumo de substâncias psicoativas em Curitiba, Paraná. 227f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, PR, BR.
- Oliva, Jimena Cristina Gomes Aranda; Kauchakje, Samira. (2009) As políticas sociais públicas e os novos sujeitos de direitos: crianças e adolescentes. **Revista Katálysis**, Florianópolis, SC, BR: Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 12(1):22-31.
- Pessotti, Luciene. (2017) Critérios de desenho urbano e as intervenções de integração de arquitetura e urbanismo com a segurança das cidades: Colômbia, Chile e Brasil. In: Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, IX, Barcelona, ES, 2017. **Anais...** Barcelona, ES: Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio de la Universitat Politècnica de Catalunya – DUOT-UPC, 1-19.
- Pickering, Jonny; Kintrea, Keith; Bannister, Jon. (2012) *Invisible walls and visible youth: territoriality among young people in British cities*. **Urban Studies**, Thousand Oaks, CA, US: SAGE Journals, 49(5):945-960, apr.
- Queiroga, Eugênio Fernandes. (2011) Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. **Resgate** – Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, BR: Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas – CMU, XIX (21):01-20, jan.-jun.
- Reis, Antônio Tarcísio da Luz; Bertoni, Amanda Schuler; Marques, Claudia Adriana Nichetti; Mano, Cássia Morais. (2016) Cercar ou não o Parque Farroupilha: uma análise envolvendo uso e segurança. **ArquiSur Revista**, Buenos Aires, AR: Asociación de Escuelas y Facultades de Arquitectura Públicas de América del Sur, (10):54-71.
- Rodrigues, Aniel Rohe Salomon da Rosa; Conceicão, Maria Inês Gandolfo; Lunes, Ana Luisa da Silva. (2015) Representações sociais do crack na mídia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, BR: Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília – UnB, 31(1):115-123, jan.-mar.
- Santos, Milton. (2008) **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 5.ed. São Paulo, SP, BR: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. (Coleção Milton Santos)
- Sehli, Dyala Assef. (2015) **Paisagem Socializada**: avaliação perceptual de espaços esquecidos para resgate de grupos sociais de risco na Grande Curitiba. 2015. 296f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, PR, BR.
- Souza, Mariana Cazedo de. (2017) **Paisagem Socializada**: relações entre qualidade e sociabilidade em espaços livres públicos de Curitiba, Paraná. 195f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, PR, BR.

- Souza, Nadir Leandro. (2011) Unidades de conservação em áreas urbanas – o caso do Parque Cinturão verde de Cianorte – Módulo Mandhuy. **RA'E GA**, Curitiba, PR, BR: Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, (23):448-488.
- Veyret, Yvette. (2013) Introdução. In: Veyret, Yvette. (Org.) **Os riscos**: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. 2.ed. São Paulo, SP, BR: Contexto, 11-22.
- Veyret, Yvette; Richemond, Nancy Meschinet de. (2013) O risco, os riscos. In: Veyret, Yvette. (Org.) **Os riscos**: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. 2.ed. São Paulo, SP, BR: Contexto, 23-24.
- Vieillard-Baron, Hervé. (2013) Os riscos sociais. In: Veyret, Yvette. (Org.). **Os riscos**: o homem como agressor e vítima do meio ambiente. 2.ed. São Paulo, SP, BR: Contexto, 275-316.
- Vitte, Antonio Carlos. (2007) O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física. **Mercator**, Fortaleza, CE, BR: Universidade Federal do Ceará – UFC, 06(11):71-78.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.